

Stadium

A mulher, dedicando a sua atenção ao desporto, vai rompendo com as barreiras que tornavam proibitivo, ao seu sexo, a prática de exercícios físicos.

Felizmente — já acontece assim em Portugal. As senhoras portuguesas, alegres, sádias, dedicam-se ao atletismo, como a outras modalidades. Este grupo prova a sua boa disposição após as provas do último campeonato regional.



N.º 243

30 DE JUNHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O SPORTING é campeão regional

apesar da forte recuperação do Benfica

Terminou no domingo o campeonato de Lisboa dos seniores, coroando — como se esperava — o Sporting Clube de Portugal, que conseguiu resistir à forte recuperação do seu único adversário, o Sport Lisboa e Benfica, que na última jornada recuperou 31 pontos.

O confronto entre as pontuações discriminadas dos dois clubes elucidou-nos sobre os seus pontos fortes e fracos: o Sporting somou 189 p. (corridas 121 p., saltos 22 p., lançamentos 46 p.); o Benfica atingiu 177 p. (corridas 106 p., dos quais 25 nas duas provas de barreiras; saltos 54 p. e lançamentos 17 p.)

Os «leões» fraquejaram, portanto, nas barreiras e nos saltos e não conseguiram marcar pontos nos 110 barreiras e no salto em altura; os «encarnados» lograram marcar pontos nas 22 provas do programa, mas fraquejaram consideravelmente nos lançamentos.

Os títulos ficaram assim divididos: Sporting, 14 (100, 200, 800, 1.500, 5.000, 10.000, 4x200, 4x400 e 4x800 metros; salto em comprimento e triplo salto; lançamentos do disco, dardo e martelo); Benfica, 7 (400, 110 e 400 metros barreiras, saltos em altura e vara; 4x100 e 4x1.500 metros); Internacional 1 (lançamento do peso).

Contra o que a maioria, para não dizer a generalidade, das referências faz supor, a equipa benfiquista teve número sensivelmente mais elevado de atletas pontuados: para os seus 177 pontos contribuíram 30 atletas, dos quais Matos Fernandes, à sua parte, conquistou 34,5 p., o recorde do torneio; os 189 p. sportinguistas foram obtidos apenas por 24 representantes, sendo Nuno Moraes, 20 p. e Domingos Canhão, 19 p. os mais classificados.

Somaram ainda mais de dez pontos os seguintes atletas: Manuel da Silva (S) e Luis Alcide (B), 18 p.; Castelo Branco (S), 16 p.; Afonso Marques (S), 14 1/4 p.; Fernando Ferreira (B) e José Luis Silva (S) 13 p.; José António Araújo (B), 12 p.; Filipe Luis (S) e Eugénio Eleutério (B), 11 1/4 p.

Dividido o programa do campeonato em três jornadas, os dirigentes clubistas aproveitaram ao máximo as possibilidades dos seus mais ecléticos homens, dentro dos limites superiormente autorizados de três provas em cada dia, sendo uma de concurso.

Assim, por exemplo, Matos Fernandes participou em 8 provas: 200, 400 metros planos e com barreiras, saltos em altura e comprimento, estafetas de 4x100, 4x200 e 4x400 metros.

Nos próximos nacionais, disputados em duas jornadas consecutivas, cada atleta apenas pode tomar parte em três provas, o que muda por completo os problemas de representação nas equipas dos clubes. Se acrescentarmos a esta circunstância a influência que virá a exercer na classificação a presença dos melhores corredores

e concursistas portugueses, teremos elementos bastantes para reconhecer que o panorama geral será inteiramente modificado e que a luta pela classificação colectiva partirá de bases muito diferentes dos regionais.

A jornada de domingo foi, das três, a menos interessante, pois apenas a corrida de 400 metros entusiasmou a assistência. Na generalidade os resultados foram fracos, ressaltando apenas o dos saltos em comprimento e o da estafeta 4x1500 metros.

A sequência da organização satisfiz, com a reserva de curto prazo de hesitação resultante da presença simultânea de Martins Vieira na final das barreiras e no salto à vara.

As corridas

Na prova de 110 metros barreiras apresentaram-se apenas cinco homens do Benfica, mas como a Associação dispõe somente de barreiras suficientes para quatro filas, houve a necessidade de disputar eliminatórias para excluir um participante. Tratando-se de representantes do mesmo clube, poder-se-ia talvez ter evitado este dispêndio suplementar de energia, que veio a redundar em prejuízo próprio, pois na final só alinharam três homens, pela desistência de Vieira, que estava disputando o salto à vara.

O vencedor foi Luis Alcide, que igualou com 16 s. o seu melhor tempo; Fernando Ferreira perdeu o título por evidente descida de forma e Ricardo Durão conseguiu resultado interessante e que demonstra progressos.

Para a corrida de 400 metros responderam à chamada somente seis concorrentes, pelo que assistimos imediatamente à final. O vencedor foi Matos Fernandes, em 51,4 s., mas foi Domingos Canhão quem mais surpreendente façanha realizou, com os seus 51,7 s., que melhoram de 1,1 s. a sua mínima marca anterior.

A prova foi empolgante: Canhão partiu mais rápido e aos 100 metros tinha recuperado mais de metade da diferença que o separava de Matos, na pista exterior; as posições mantiveram-se até meio percurso, momento onde Artur Dias, que partira moderadamente, atacou e se aproximou de maneira que, aos 300 metros, vinha a par de Matos e à frente de Canhão. Na recta final, os lugares decidiram-se pelo poder relativo dos adversários; Fernandes destacou-se, Canhão seguiu-o e Dias cedeu, parecendo em má forma física.

Merece também referência o principiante Pena da Silva, quarto classificado com 54,2 s.

As duas estafetas foram ganhas pelo Benfica: a dos 4x100 metros, facilitada pela ausência de Myre Dorez no quarteto sportinguista, mas valorizada pela excelente média de 10,95 s., que deixa a equipa

(Continua na página 6)

Profissionalismo regulamentado

para que os jogadores tenham direitos e deveres!

LONDRES, Julho de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Deixemos agora o nosso amigo inglês, que depois de algumas horas de útil conversação nos deu alguns exemplos da boa ordem desportiva. Vamos ligar «para Portugal», porque sempre temos escrito daqui de Londres com a preocupação de interessar os nossos compatriotas na leitura desta carta, apresentando-lhes confrontos que podem esclarecer as pessoas menos bem apetrechadas.

Hoje falaremos um pouco de profissionalismo. Mas apenas um pouco. Demais, toda a gente sabe que a Inglaterra do futebol vive em autêntico regime de pagar, e pagar bem. O que talvez se desconheça, evidentemente, é que o jogador inglês não faz apenas vida pelo futebol. Parece que já o dissemos por mais de uma vez. Finney, Matthews, para não citar outros, são disso exemplo flagrante.

Todavia, o jogador britânico adora o profissionalismo. Considera o profissionalismo, mesmo, a melhor coisa que poderia aparecer. Sem o profissionalismo puro, julga o desportista britânico que não poderia existir apuro técnico, verdadeira chama, — obrigação absoluta! O profissionalismo, na verdade, tem conduzido o futebol inglês ao mais alto lugar da técnica.

Pode ser impraticável em Portugal? Como em Inglaterra, não será possível. Mas o nosso país precisa negativamente de escolher alguma coisa, fugindo da situação actual, que «não é carne nem peixe». Em Portugal, afinal, «paga-se» ao jogador. Continuar a dizer que os portugueses são amadores, é mentir, negar que a grande maioria passa todos os meses pela administração do seu clube, a fim de levantar o ordenadinho...

Pedir-se que seja implantado o profissionalismo em Portugal parecerá brincalhotico, visto que poucos elementos jogam de graça. Contam-se os amadores...

Ora, neste caso, o que se torna necessário é estabelecer um regulamento definitivo e honesto, um regulamento que defina claramente a situação do jogador perante o clube, e deste em relação ao compromisso com o jogador.

Do contrário, continuaremos assistindo a incidentes, não se sabendo bem onde começa e onde termina a responsabilidade do atleta.

Não se pode ter opinião diferente. Nós vamos pelo profissionalismo, abertamente, mas o que se pratica em Portugal não é «nada». O jogador recebe uns dinheiros, bons e maus, mas joga como entende, treina quando lhe apetece e faz da sua «profissão»

uma ideia diferente do jogador britânico.

Dir-se-á: ganha menos. Certíssimo. Mas em várias profissões recebe o mesmo. Se em Portugal se regulamentar o profissionalismo — dizemos «regulamentar» e não «impôr», — já o vencimento de cada atleta pode melhorar. Se ao jogador se impuser uma disciplina, também melhorará com certeza a escala dos seus vencimentos. Isso seria inevitável.

Como se vive é que não. O futebol português carece de algumas reformas para progredir. O nosso amigo britânico levou-nos a falar de «filiais», que ele considera desnecessárias, no seu aspecto desportivo, quando dentro da mesma divisão, especialmente, e da «transferência» de baixo para cima, isto é: da 3.ª até à 1.ª Divisões. Diz que o futebol se atrofia, não permitindo a subida do atleta com pretensões. Porque não sairá da «cepa torta». Porque, regra geral, o clube onde está não progride. Agarrar-se a nossa lei a uma sensibilidade duvidosa e piegas, é contribuir para que o nosso popular futebol se desvalorize cada vez mais.

Logo, dê-se outro passo, mais outro ou quantos forem necessários. Pelo menos, evite-se o palavreado «amador», que já não existe em Portugal. Os nossos jogadores não são amadores, há muitos anos, mas não cumprem como profissionais. Desde que se paga, embora mal — há profissionalismo. Deste modo, considere-se como tal o nosso atleta da bola, dando-lhe um regulamento, um estatuto, como queiram, com direitos e deveres para um lado e para o outro. Pagar melhor? Isso é outro problema.

Que o profissionalismo regulamentado é inevitável. Esperar para muito tarde é atrasar o aspecto disciplinar da questão, e a marcha do futebol não pode compadecer-se com coisas destas. Pugar pelo amadorismo é utópico, impossível! Há muitos anos que os jogadores portugueses ganham dinheiro, que são profissionais, meus senhores, mas não sabem infelizmente qual a hora de entrada no treino, como e quando devem submeter-se a ordens dos técnicos e dos dirigentes.

Afirmar: — «são amadores» — é passar pretensiosamente por cima das realidades, mentindo sem dó nem nem piedade. E pensamos como os ingleses. O profissionalismo é um bem, é o primeiro alíquo para o apuro do bom futebol. Mas a sério. Ganhando muito ou ganhando pouco!

Fernando Mendes

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CURSO de Treinadores

Irá por diante a iniciativa do «Curso de Treinadores», já posto em prática uma vez, por iniciativa da Federação Portuguesa, e agora alargado num curso possivelmente mais completo, cujo programa, aliás, desconhecemos?

Não se sabe, quando escrevemos. Mas, se for por diante, lembramos que devia ser facultado a alguns elementos da Província a possibilidade material de se inscreverem no Curso, servindo depois os seus clubes e as suas terras. Os que já exercem com a melhor vontade e dedicação esse trabalho em clubes modestos, mas progressivos, deviam ter o direito de preferência sobre todos os outros candidatos. Temos encontrado, na verdade, por esse país fora, algumas pessoas nestas condições, com um desejo enorme de aprenderem, que lêem tudo e que seguem com muita atenção as coisas da bola no sentido de aumentarem os seus conhecimentos.

Porque não se trata, regra geral, de pessoas muito cultas, mas de verdadeiros práticos, parecidos que o referido Curso deve ter um sentido eminentemente prático, e nestas condições os candidatos podiam ser confiados, durante um determinado período, aos próprios treinadores dos principais clubes, seguindo toda a vida interna do futebol.

Isto é uma opinião como outra qualquer! O curso de treinadores dependerá muito da qualidade dos mestres. Sabemos que a Federação soube escolher, tendo dirigido convites a vários técnicos de reconhecida competência. Infelizmente, dois deles, Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas, declinaram o convite, devendo tornar-se muito difícil a sua substituição.

CORRE QUE...

Lippo Hertko, o treinador do Estoril, regressa ao Benfica, tendo por consequência o clube abandonado a ideia do inglês Trém.

✦✦ Ir por diante, e seria um desacerto se se desse o contrário, a iniciativa das «escolas de jogadores», têm probabilidades de virem a ser treinadores, dentro do referido plano, os seguintes nomes: Augusto Silva, Jorge Vieira, Quaresma, Vítor Silva, Marliano Amaro, para só citar jogadores.

✦✦ Patalino e Massano já assinaram ficha pelo seu clube,

Foi acolhida com viva satisfação a notícia de que a Direcção Geral dos Desportos já tinha feito um estudo para o funcionamento de «escolas de jogadores» em Lisboa, Porto e Coimbra, podendo a iniciativa alargar-se. Já se disse que as Escolas terão dois cursos, um dos 11 aos 13 e outro dos 14 aos 16, mantendo-se os Campeonatos de Juniores, de tanto relevo, e não assentando o funcionamento dessas escolas no espírito de competição. Isso será mais tarde, na idade própria... Também os jornais deram a conhecer o programa dos referidos estudos, uma indicação sistematizada de exercícios, que é todo um belo plano de trabalhos.

Desejamos sinceramente que as Escolas comecem a funcionar brevemente, no princípio da época, indo ao desejo de todos aqueles que verdadeiramente se interessam pela modalidade. Havia, no meio da bola, a opinião, arraigada, de que os jogadores eram entregues aos treinadores muito tarde, já numa idade relativamente avançada, não se lhes dando, mesmo, nesse momento, uma prática intensa. Szabo, o bom treinador húngaro, foi o primeiro que lançou o grito, honra lhe seja!, mostrando a necessidade do praticante começar cedo no contacto com o caoulhouc.

Mas era preciso racionalizar essa prática, rodeando-a de cuidados primários, e foi isso o que se fez no Plano do capitão António Cardoso.

Evidentemente, há questões de detalhe, no trabalho apresentado, que merecem ser aperfeiçoadas. Na localização dos cursos, entendemos que não deve esquecer-se, por exemplo, o Barreiro, um dos grandes viveiros do futebol português. Mas isso, como outras coisas, não afecta o fundo do magnífico trabalho.

CONTA-GOTAS

De quando em vez lêem-se coisas interessantes em matéria de futebol! Por exemplo, viemos a saber outro dia que um jogador do Boavista, Caiado, quase se ia perdendo para o «mundo da Bola» em virtude de, chamado à Selecção Nacional, se obrigava a subordinar-se a uma tática diferente daquela em que normalmente se achava integrado no Boavista.

Damos toda a razão ao articulista. O que se devia ter feito era adoptar a tática a que o jogador estava acostumado na Selecção Nacional.

Também em fins de época um jogador (Rogério) não teve pejo em declarar que tinha dado durante a temporada menor rendimento por o obrigarem a estar, espedado, sempre no mesmo sítio, na Selecção Nacional.

Evidentemente, o referido jogador tinha inteira razão. Não havia, evidentemente, o direito de o obrigarem a estar sempre no mesmo sítio, aborrecido e triste, quase não podendo dar um passo.

O treinador devia ter-lhe dito, antes de mais nada, que ele se devia misturar com os restantes jogadores, estabelecendo a confusão do jogo. Proibir-lhe a desmarcação, foi levar longe demais a ciência do jogo.

Foi oferecido à Federação Espanhola o Troféu «Maria Eva Duarte de Peron», instituído pelo S. Lourenço de Almagro. O troféu deve ser disputado anualmente entre os campeões da Liga e da Taça. O futebol também se quis juntar às homenagens rendidas à Senhora Peron em Espanha.

para compensar os prejuízos resultantes da eliminação dos campeonatos distritais!

✦✦ A acção do treinador inglês do Sporting, mister Kelly, não tem sido devidamente posta em destaque pela imprensa.

✦✦ Goradas as deslocações do Benfica e Sporting ao Brasil mantêm-se o projecto dessa viagem, pelo menos, em um desses clubes, na próxima época.

PROFECIA...

Entrevistado no início da época, o treinador inglês declarou a «Stadium»:

— O Sporting vai ganhar os três campeonatos.

— Que farronca!, disse-se. O treinador inglês poderia agora acrescentar que não pôde cumprir a sua palavra por não se ter disputado a Taça de Portugal...

Há resposta para tudo...

P. 515 — Sabe o que é feito de um árbitro chamado Ildio Nogueira, que me parece que era do Benfica? Ainda vive? Então porque não arbitra? Cá para mim, ele era o melhor de todos. Qual é a sua opinião? (Um adepto das boas arbitragens, de Setúbal).

R. 515 — Ildio, graças a Deus, está vivo e são, cada vez mais novo... Vive em Lisboa. Também tenho a mesma opinião: Ildio Nogueira deve ter sido o melhor árbitro português. Simplesmente, não arbitra agora — porque soube escolher a sua hora de retirada.

P. 516 — Outro dia chegou-se ao pé de mim um homem que disse quem era. Reparando melhor, vi que se tratava de um grande jogador do passado. Vive hoje em dificuldades. Acha justo? (Um benfiquense, da Mouraria).

R. 516 — Nem justo nem injusto. Nós gostaríamos de saber que esse jogador (estamos certos de que sabemos quem é) passava bem a vida. Investigando, talvez se conclua que a culpa é do próprio jogador e não do futebol.

P. 517 — Em meu entender, a Primeira Divisão devia alargar-se, e os jogadores punidos deviam ser amnistiados. Eram boas medidas, não acha? (Um que gosta de ver toda a gente bem).

R. 517 — Contento-se com os 14 clubes. A tendência que se verifica é para a redução. Quanto à amnistia — de acordo. Com algumas excepções, é claro.

P. 518 — Qual o extremo-direito que mais se distinguiu no recente torneio de futebol amador organizado pelo Gif e pelo Ateu, e qual o melhor elemento do grupo do Gif? (De R. S., da Ribeira de Santarém).

R. 518 — Achamos uma crueldade colocar-nos em tão grandes embarcações...

P. 519 — Qual o avançado internacional em melhor forma? (De Um benfiquista transmontano, admirador de Rogério).

R. 519 — O internacional mais destacado desta época deve ter sido Trassosa.

P. 520 — Patalino, Caiado e Baptista (Setúbal) alinharão pelo Benfica na próxima época? (De um adepto encarnado).

R. 520 — O desmentido dos dois primeiros é formal. Deve acontecer o mesmo ao terceiro.



A equipa do Clube de Regatas Vasco da Gama, que valorizou a nossa época «internacional». Perdeu em Portugal apenas um encontro, com os campeões nacionais: — o Sporting

A ÉPOCA INTERNACIONAL

DO FUTEBOL PORTUGUÊS (2)

SEM necessidade de forçar a nota pode dizer-se que os resultados feitos em Lisboa e no Porto pelos argentinos do S. Lourenço de Almagro tiveram o seu melhor antidoto na recente visita do Vasco da Gama. Brasileiros e argentinos discutem a primazia do futebol sul-americano e quer o S. Lourenço, quer o Vasco, são bons representantes do futebol dos seus respectivos países.

De modo que a boa figura feita pelos nossos jogadores ante o Vasco da Gama, veio dizer-nos que os resultados com os «almarginos» foram acidentais, que não se repetiriam talvez em condições normais de rendimento dos mesmos elementos que defrontaram os argentinos.

O merecido triunfo sportinguista na tarde memorável de 22 de Junho, no Estádio Nacional, enchendo-nos de júbilo, e tendo feito chegar lágrimas de alegria aos olhos dos portugueses do Brasil, deve ter reconciliado o público com o nosso futebol. A «catastrofe» do desafio com a Inglaterra deixara muita gente decepcionada, e os resultados materiais da organização do Vasco da Gama reflectiram esse desalento... Verifica-se, afinal, que alguma coisa mais valiam os portugueses — apesar de todas as

deficiências unanimemente reconhecidas...

Ao êxito da equipa nacional ficaram ligados vários nomes, com o de Tavares da Silva, seleccionador, em primeiro plano.

Até à altura do Portugal-Inglaterra todos aceitavam bem que o seleccionador português tinha a sua parcela nas vitórias sobre a Espanha, a primeira oficialmente reconhecida pela F. I. F. A., e sobre a Irlanda a primeira alcançada pelos portugueses no próprio campo do adversário.

Ora, reconhecido também que o 10-0 foi um «desastre» de que o seleccionador não pode ser arguido — leiam-se as críticas do desafio... — fica de pé a sua intervenção nos anteriores resultados. E não se diga que foi sorte. Porque, desse modo, todos os bons resultados feitos por equipas escolhidas por outros seleccionadores — foram sorte...

Ao esforço de Tavares da Silva há que juntar o do treinador Augusto Silva, um nome que tem de ser pronunciado com respeito, mesmo que se discurdasse do trabalho do antigo internacional, e ligar a própria Federação pelas facilidades que deu aos responsáveis pela selecção nacional.

A VITÓRIA DO SPORTING

no desafio contra o famoso VASCO DA GAMA

O futebol português não saiu diminuído da sua campanha internacional de 1946/47. Prova-o, entre outros factos, a circunstância da França que possui hoje o direito, pela sua posição no futebol europeu de escolher os seus adversários, ter já aceitado jogar com Portugal.

A equipa portuguesa assentou quase sempre na mesma estrutura. E esse foi, quanto a nós, o segredo dos seus bons resultados. As modificações introduzidas, correspondendo a abaixamento de forma de alguns jogadores, não alteraram nem a base nem o plano do jogo da selecção, que no desafio contra a Espanha deu bem a medida exacta das suas possibilidades.

Podem ter sido discutíveis a utilização de um ou outro elemento mas estas coisas de selecções têm a noção de ser analisadas em conjunto, num plano geral, a

dentro do quadro dos seus resultados. De resto há pormenores que não vêm a público e que, uma vez conhecidos, modificariam muitos juízos precipitados...

De entre os jogadores a quem podemos chamar *titular* alguns se salientaram mais. Azevedo foi um guarda-redes firme, brilhante nos desafios com a Irlanda e a França. Feliciano, depois de um período de crise, chegou a plano de muito relevo; Amaro manteve-se o médio de mais realce, sem esquecer a utilidade de Moreira; Jesus Correia acabou a época a jogar de maneira inigualável dentro das suas especialíssimas características; Travassos foi, quiza o jogador mais fulgurante da selecção com uma exibição admirável contra a Espanha.

Toda a crítica estrangeira ficou com a mala lioengreira impressa no interior esquerdo do Sporting. Não esqueceremos facilmente os elogios que dele nos fez o técnico de grande categoria que é o brasileiro Flávio Costa.

Nota-se, todavia, na selecção uma particularidade: há uma diferença sensível, no plano das idades, e portanto possibilidade de duração entre a defesa e meio defesa e o ataque. Remoçada e renovada a linha dianteira do «conze» de Portugal, começa a impor-se a necessidade de operar na mesma metamorfose nos restantes sectores. Simplesmente, esse rejuvenescimento parece ser mais difícil... A um Vasco, capaz de substituir Cardoso, e um Capela à altura de substituir Azevedo, correspondem para a linha dianteira muitos mais nomes: Paulo lino, em primeiro plano, Calado Bentes, Vasques, Bravo, Vieira Mota...



AMARO



FELICIANO



TRAVASSOS

MANUEL MOTA

MÁRIO Simas o melhor nadador da PENÍNSULA



O campeão numa das suas provas. Mário Simas não perderá. Habitou-se a ganhar

MÁRIO SIMAS — que se revelou há, precisamente, dez anos — é um nadador excepcional — um dos poucos atletas portugueses de autêntico valor internacional. Tendo surgido para a natação numa época em que destacava uma pleiade de elementos de proeminentes qualidades — Manuel Moniz Pereira, Mira Gomes, Baptista Pereira, Vasco Carrelhas, Jofre de Carvalho, Oreste Cabral, Herculano Trovão, cêdo Mário Simas se individualizou, criando um lugar aparte. O seu primeiro recorde nacional absoluto data de 22 de Maio de 1933, dia em que fixou em 1 m. 19 s., o primeiro português dos 100 metros-costas, pelo pertença de Fernando Leal, o qual veio melhorando em épocas sucessivas — até de uma ilimitada dedicação pela modalidade — até atingir o «tempo» de 1 m. 09 s. — marca indelévelmente valiosa no campo internacional.

As suas vitórias em 100 metros-costas, quer nos encontros com a Espanha,



Mário Simas, conversa com o nosso camarada Abreu Torres Claro: — falamos sobre natação...

é, fundamentalmente, um nadador de «costas», derivou depois, em 1939, para o «crawl» de frente, especialidade em que tem evidenciado extraordinárias facilidades. Melhor do que nós, fala na sua eloquente simplicidade, o seu recorde dos 100 metros-livres (1 m. 00 s. 77 10) alcançado em Tenerife, no decorrer do IV encontro Portugal-Espanha, sendo, também, dessa altura, o seu belo recorde dos 200 metros livres 2 m. 21,8s.

A análise dos «tempos» de Mário Simas levava-nos muito longe. O leitor compreende bem que a biografia do famoso campeão não pode, de forma alguma, caber no preâmbulo de uma entrevista. Bastará, talvez, que digamos que é detentor de nove recordes nacionais — 50, 100, 200, 300, 5x500, 4x100 e 4x200 metros-costas e 3x100 metros-estilos para fazer uma ideia da carreira brilhantíssima de um dos melhores nadadores europeus.

Uma entrevista com Mário Simas é sempre oportuna. À classe do campeão, colecionador de recordes, junta-se a categoria mental do estudioso, do aluno do Inef e do director da «Flama».

Quando o procuramos, há dias, no Estoril, Mário Simas bom amigo de sempre, não pôs quaisquer entraves. E esta fez-se, valorizada aqui e ali, por opiniões que poderão, talvez desagradar em certos sectores, mas que têm para nós uma virtude inexcusable — são sinceras.

Mário Simas conversou connosco abertamente — com desassombro. As suas opiniões, filtradas por muita meditação, saíam-lhe naturalmente.

A primeira pergunta...

— Como encara a presente época natação?

— À presente época reflecte-se — no que me diz respeito — de falta quase absoluta do treino anterior. Como sabe, os meus primeiros sete anos de natação foram de um treino intenso e de uma ótima preparação. Consegui, assim, bater alguns recordes e fazer resultados, tenho que o reconhecer, que me agradaram bastante. Sinto, no entanto, que a acção benéfica desse treino está a passar e que deveria iniciar segundo período de treino intenso. Vejo, porém, com certa méguca,

que isso não me é possível, pelo menos, na medida indispensável.

Num desabafo:

— Todas as facilidades, quer oficiais, quer nos estudos, tendentes a poder treinar com a indispensável regularidade, me têm sido negadas! Como é diferente a nossa vida da das Universidades americanas! ..

Concluindo o seu pensamento, Mário Simas diz-nos:

— Parece que não bastam as dificuldades próprias da modalidade: a morosidade no progresso; o treino metucioso e extremamente maçador; o despirmo-nos e vestirmo-nos, no inverno, sem local convenientemente aquecido, etc., etc. Tudo isto — creia — nós suportamos pelo amor que temos pela natação. Mas quando a isto se junta falta de piscinas, e os rancores «clubistas», então será melhor deixarmos de fantasias, e não concorrermos a competições internacionais sem que, pelo menos, previamente, se construam piscinas. Doutra forma não vale a pena sacrificarem-se mais nadadores nem queimarem-se mais dirigentes, lutando todos, uns após outros, com as mesmas faltas e as mesmas indiferenças...

Fala-se, depois, do próximo encontro Portugal-Espanha, da participação lusitana nos campeonatos europeus. E o melhor nadador da península diz-nos:

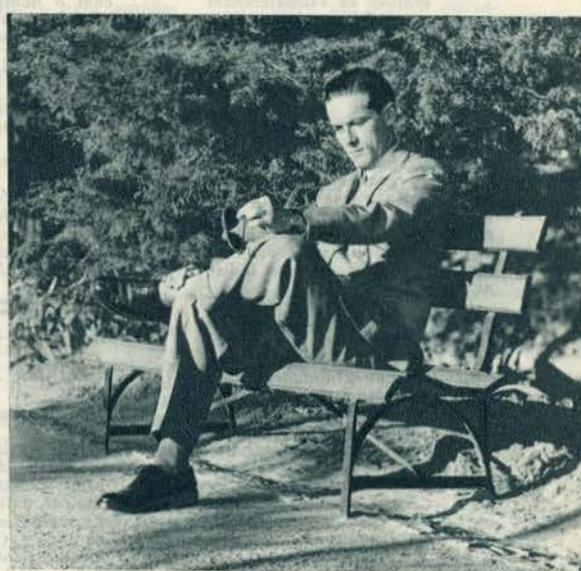
— Devo declarar, primeiramente, que me encontro prestando serviço militar, obrigação altamente honrosa e patriótica a que nunca me quis nem quero furtar, mas que afecta grandemente a minha «forma» de nadador. Aguardo no entanto, com o melhor entusiasmo, a realização do V encontro com a Espanha — o quarto em que participo — disposto, mais uma vez, a dar tudo por tudo, a vencer com bilho ou a vender cara a derrota...

Quando às provas máximas da natação europeia, digo-lhe, sinceramente, que gostaria de ir a Mônaco, por várias razões. Para ter a sensação de correr ao lado de determinadas «estrelas», viver esses momentos para mim particularmente emotivos e — porque não diz-lo? — para

aprender. Há sempre muito que aprender...

Mário Simas cala-se por momentos. Nessa altura o seu pensamento devia andar longe... Uma palavra, no entanto, foi o suficiente para o trazer à realidade. — E Londres?...

O nosso melhor «sprinter» não acusou o toque. Quem sabe se ele estaria exactamente pensando nas Olimpíadas de



Mário Simas é um desportista que pensa. Encontramo-lo agora num momento de clara reflexão, passa em revista os «tempos» e os métodos. Prepara-se com o cérebro

1948? E a resposta vem, sincera e ponderada:

— Para as Olimpíadas ainda temo, tempo suficiente à nossa frente para prepararmos uma equipa. Possuímos nadadores com ótimo «stôfo»; temos um treinador consciente, e temos uma Federação animada da melhor vontade. Falta, apenas, dinheiro e piscinas. É altura, pois, de pormos o dilema cuja solução não admite delongas, a não ser, no que sinceramente não creio — que se enverede pelo caminho habitual: preparação da última hora, estufa brutal para os nadadores, resultados que não estão de harmonia com as suas reais possibilidades e, o que é mais, resultado final que em nada valoriza o desporto nacional.

— E no que lhe toca directamente?

Mário Simas sorri, a pretensão de afastar qualquer coisa mais íntima. Insistimos, porém. Os seus olhos animam-se e diz-nos, então, em jeito de confidência: — É a minha maior aspiração, embora nunca a tivesse dito publicamente.

E a rematar:

— Gostaria, de facto, de me poder preparar convenientemente para os Jogos da XII Olimpíada, com que pretendo terminar as lides desportivas de competição!...

Comentários

Educação Desportiva

O desporto, afirma-se, é escola de civismo. Neste sentido se estabeleceram normas e se delineou uma regra de disciplina rígida, a cuja obediência se subordinaram todas as actividades, para que na realidade dos factos se confirmasse a doutrina teórica.

Os resultados da aplicação eficiente dos princípios estabelecidos, exercida numa altura em que todos reconheciam a necessidade de intervenção superior, trouxeram aos campos de desporto o ambiente de ordem e respeito mútuo que andavam um tanto arredados e eram indispensáveis.

Passou a reinar, entre os desportistas portugueses, a lei da educação desportiva que sempre fora seu timbre, mas que uma exorbitação de rivalidade, aliada a um complexo de interesses, havia feito esquecer em circunstâncias demasiado frequentes.

Desenvolveu-se, assim, em ambiente favorável e simpático, a actividade desportiva nacional que, progressivamente, foi sendo consagrada pela internacionalização em diversas modalidades, à qual a compostura e lealdade dos nossos praticantes davam incentivo e geravam estímulos.

Pela complexidade dos factores que nelas concorrem, as competições desportivas tornadas espectáculos públicos não dependem — nos seus objectivos e no seu significado — apenas do comportamento dos actores; é preciso contar também com as atitudes dos espectadores, aos quais se exige por igual o respeito pelas normas da educação desportiva e, mais ainda, da educação cívica.

Alguns incidentes, algumas manifestações impróprias das nossas tradições de hospitalidade e que nestes últimos tempos se têm verificado, começam a criar dificuldades que podem levar-nos, se não forem severamente reprimidas, ao lamentável isolamento.

O espectador é um desportista, com responsabilidades colectivas. O facto de ter pago a sua entrada não lhe confere todos os direitos, nomeadamente o de ser descor-tês ou faccioso.

A moderação, o espírito de justiça e a isenção, a hospitalidade e o respeito hierárquico fazem parte integrante da educação desportiva. Quando faltam, prova-se que o esforço educativo ainda não foi suficiente ou que os educandos são rebeldes à doutrina: no primeiro caso, intensifica-se a campanha e evitam-se as ocasiões perigosas; no segundo, punem-se os renitentes, para que a sua insensatez não venha a destruir o trabalho dos elementos sãos.

O ombro ou o peito

Numa crónica de quase duas colunas, e que é subscrita com o nome do sr. Armando Sá, foi apresentado o desenvolvimento da teoria do centro de gravidade no momento da chegada, sob a forma de preferência da entrada de ombro ou de peito, explicação na qual colaboramos largamente em citações.

Não encontramos, porém, aquilo que mais ansiosamente esperávamos: demonstração da teoria laxativamente exposta pelo sr. Sá, de que era vencedor aquele concorrente cujo centro de gravidade primeiro ultrapassava a

linha da meta. Foi contra essa afirmação que nos insurgimos, considerando-a sem pés nem cabeça, e mantemos a opinião, visto nem o próprio autor prosseguir em sua defesa. Deve ter sido um lapso técnico.

Quando à controvérsia sobre a forma mais lucrativa de projecção do tronco sobre o fi., qualquer dos critérios é defensável e, embora com opinião formada, aceitamos a argumentação inversa.

Esclareça-se, em primeiro lugar, que os elementos favoráveis ao seu critério e que o sr. Sá vai buscar ao meu livro «Técnica e preparação atlética» datam de 1922. Estão um pouquinho fora de moda e se não houve ainda no espírito de S. Ex.^a qual-

ATLETISMO

(Continuação da página 2)

a um décimo apenas do recorde nacional clubista, de que o próprio Benfica é detentor; a dos 4 x 1500 metros, natural e expressiva, com melhoria do recorde para 17 m. 35,65 s., (menos um segundo do que o anterior), com a média de 4 m. 23,9 s., ainda bastante modesta. Os componentes da equipa vencedora foram: H. Freitas, Mário Soares, Adriano Gomes e José Araújo.

Os concursos

Os resultados do lançamento do dardo, com seis únicos concorrentes, foram modestíssimos. Deve ter exercido certa influência o vento que soprava de lado e, na maioria das tentativas, levantava demasiado a trajectória do dardo.

José Paulo Cardoso, que no Porto alcançou há um mês mais de 51 metros, ficou em 46,70 metros no primeiro ensaio. O engenho saiu-lhe quase sempre mal da mão, porque a impulsão não era feita no sentido do eixo do dardo; em consequência, a trajectória tomava rumo ascendente exagerado e a posição obliqua do dardo exercia acção de travagem.

Dos restantes não vale a pena falar; demonstraram, de modo geral, como não se deve lançar o dardo.

Na prova de salto com vara a média dos resultados foi, para a habitual dos nossos concursos, apreciável: o quinto classificado, Nuno Morais, transpôs 3,10 metros; Eduardo Matos, 3,20 metros; José Pica e Martins Vieira, 3,30 metros, e o vencedor, Santos Vieira, 3,40 metros.

É uma especialidade em que estagnamos; ano após ano, não se vê sintoma de progresso e as marcas não variam. Porque? É assunto para estudo, mas a primeira im-

pressão é de falta de velocidade na corrida preparatória.

Alvaro Dias ganhou muito bem o salto em comprimento, com 7,055 metros e 7,04 metros noutra tentativa; esperamos que consiga em breve melhorar o seu recorde, pois possui condições para fazer melhor.

Neste concurso também a média das marcas é notável para o nosso costume, com o 5.º classificado, Moniz Pereira, saltando 6,455 metros.

Luís Alcide, atleta excepcional que as circunstâncias impedem de mostrar quanto vale, foi o segundo da prova, 6,74 metros, e o decatlista Matos Fernandes (a quem deve ser dada de seguida uma oportunidade para melhorar a pontuação do seu recorde), terceiro com 6,56.

Esperávamos melhor de João Vieira, que apenas alcançou 6,525 metros.

As provas femininas

Com larga superioridade numérica de participantes, o Belenense ganhou o campeonato feminino, no qual apenas duas raparigas mostraram qualidades: Hedi de Sá e Ivone Martins, embora a primeira se apresentasse em forma insuficiente.

Todos os seus resultados foram inferiores aos das temporadas precedentes.

O atletismo feminino não terá longa vida entre nós; falta-lhe ambiente e muitas das praticantes não demonstram mais do que boa vontade e desejo de somar pontos por efeito de presença.

Dos novos elementos apreciamos Maria Emilia Cardoso e Laura Rodrigues, susceptíveis de melhoria se não espalharem demasiado a sua actividade.

quer evolução, fica tudo explicado.

Se o sr. Armando Sá se quiser dar ao trabalho de ler, a páginas 53 e 54 do meu último livro «Atletismo», publicado em 1943, encontrará, em relação à técnica da chegada, o seguinte: «A entrada de ombro, mais difícil porque exige maior oportunidade de execução, traz lucro seguro de alguns centímetros: no momento de tocar o fio o corredor dá ao tronco uma rotação de noventa graus, procurando atingi-lo em primeiro lugar com o ombro e não com o peito».

Verifica-se, por estas palavras, que, se o «eu» de 1922 estava de acordo com o sr. Armando Sá de 1947, já o não estava o de 1943. Porque ai dos que param na vida; nunca andam a par da verdade, que é afinal transitoria e de permanente aperfeiçoamento.

Espírito desportivo

Lemos nos relatos dos jornais que, no banquete oferecido aos remadores que tomaram parte no Campeonato Peninsular, o sr. Martinez Lobet, treinador das equipas espanholas, acusou os remadores do barco de oitão do seu país de falta de espírito desportivo por haverem abandonado a luta sem motivo imperioso, negando validade ao que por eles fora apresentado oficialmente: rombo na embarcação motivado pelo choque com o «out-rigger» português.

Por outro lado, o nosso camarada Lança Moreira, que inspecionou a embarcação espanhola depois do seu regresso a terra, informa que o rombo fora feito no fundo e de dentro para fora.

Fica assim explicada a grave acusação formulada em público pelo sr. Lobet, cujo desassombro é digno de apreço e demonstra raro sentimento de desportista.

É, de facto, atitude sempre condenável, esta do abandono da luta quando a vitória se torna impossível, quando julgamos contrário o curso dos acontecimentos ou, ainda, por qualquer forma supomos lesados os nossos interesses.

O espírito desportivo manda lutar até ao fim, manda conservar o mesmo apuro na adversidade ou no êxito, porque a dignidade do desportista reside no próprio comportamento e não pode ser afectada pelo desaire nos seus propósitos ou, mesmo que tal sucedesse, pelas irregularidades alheias.

O desportista que abandona a competição apenas por desânimo, por indisciplina ou perda de domínio próprio, é um mau desportista e merece, conforme os casos, censura ou punição.

A escola do desporto é muito exigente nos seus princípios doutrinários e, assim como exalta e dignifica os caracteres fortes e os espíritos rectos, também põe implacavelmente em flagrante compromisso aqueles a quem fraqueja o ânimo, hesita a consciência ou falece a energia.

Salazar Correia.

Salazar Correia

Stadium

João Rebelo e o Benfica

vencedores da «Volta ao Ribatejo»

O calor e a poeira prejudicaram a prova

Se abstrairmos do aspecto desportivo, que, aliás, teve boas lases, podemos começar esta crónica afirmando que a 1.ª «Volta ao Ribatejo» — que oxalá não seja a única — alcança retumbante êxito.

Espectáculo novo. Talvez inédito, para a maioria das populações das localidades do percurso, foi seguido sempre com o maior entusiasmo pelos expansivos ribatejanos. Sem exagerar, poder-se-á dizer que os corredores executaram, durante dois dias, e em 300 quilómetros, uma verdadeira marcha triunfal. Do Cabo a Vila Franca não houve ninguém que não acoresse a ver passar os ciclistas, ovacionando-os, dando-lhes água e frutas, incitando-os à luta. Claro que os homens do Benfica e do Sporting eram os mais aplaudidos, mas Fernando Moreira, que a «Volta a Portugal» popularizou, também recebeu bom quinhão... De resto, ele próprio fez jus a eles, dispondo-se à conquista de prémios de passagem. Ele e os rapazes do Benfica fizeram uma boa razão...

Dentro do campo popular, a «Volta ao Ribatejo» campria o seu objectivo de propaganda.

E é justo que se ponha em relevo o especial interesse de Tramagal, Abrantes, Tomar e Vila Franca. As duas primeiras localidades excederam-se, instituído muitos e valiosos prémios. Só em Abrantes houve, em dinheiro, seis contos! Os abrantinos, que de há muitos anos esperavam um espectáculo desta natureza, corresponderam admiravelmente à escolha.

Desportivamente a competição ressentia-se de várias circunstâncias que convém salientar.

Os «independentes» estavam de há muito tempo votados a uma paragem forçada, não disputando provas, ou limitando-se, e nem todos, a corridas de pista. Praticamente a «Volta ao Ribatejo» correspondia a um novo começo de época, e, deste modo, compreende-se que os resultados não tenham sido famosos como o próprio tempo do vencedor traduz: mais de 11 horas para cobrir 320 quilómetros.

Acresce que a escolha do percurso e da hora da primeira etapa teve efeitos arrasantes. Imagine-se o que será atravessar a lezíria ribatejana a meio da tarde, quando o sol é mais violento, num dia de intenso calor!

E jante-se a isso, que já seria bastante, o facto das estradas serem, em grande parte, autênticos arenais, que obrigavam os corredores a esforço enorme para se aguentarem. As «derrapagens» eram constantes e alguns corredores, menos presidentes, desviando-se um pouco mais para a berma da estrada, enterravam os biciletas na areia!

Admitida a necessidade da prova ter de passar pelo Tramagal, localidade que contribuiu como nenhuma outra para o êxito popular da corrida, não se justifica a escolha do percurso Salvaterra-Corache-Almeirim. Durante 60 quilómetros só Corache foi a única localidade importante que os corredores atravessaram. O desvio, por causa de mais ans prémios, não compensou o desprezo a que foi votado o troço de bela estrada Salvaterra-Mage-Almeirim. Compreende-se que, em certa etapa da «Volta a Portugal», não possa lagir-se às más estradas. Mas não se aceita, sem um reparo ao menos, que em casos como o de agora um erro de visão tenha criado aos corredores momentos verdadeiramente terríveis.

De aí, tudo quanto se verificou numa etapa: irregularidades constantes na distribuição de água, fruta e alimentos aos corredores, suspeitas de que alguns, de vários clubes, tenham feito meio-lundo, etc.

Os corredores, todos sem óculos protectores, e a maioria sem bonés a cobrir-lhes a cabeça — ninharias, claro... — passaram tormentos e abasaram das bebidas — desde a água à cerveja, utilizando recipientes de vidro, anti-regulamentares. Alguns pagaram bem caro os exageros a que se entregaram — e que os dirigentes não combateram com a energia que as circunstâncias aconselhavam.

No final da 1.ª etapa, cuja chegada se fez de noite — hora tardia de partida e andamento fraco, bem compreensível — o júri não estava presente. Este facto deu origem a cenas pouco edificantes e a comentários desagradáveis, constituindo, sob o ponto de vista técnico, o por menor de maior vulto a salientar.

Mas há que esclarecer. O júri teve alguma culpa por não ter «saído» com mais antecedência da prova, pondo-se a coberto de qualquer percalço. Mas a culpa principal coabe a um elemento da organização, que deu ordem à

polícia de viação para em determinado ponto, que facilitaria a chegada a Abrantes, encartando de dois terços o percurso a fazer, não deixar passar carro algum. Esqueceu-se, e é natural, dada a sua inexperiência, do carro do júri, e esse esquecimento — de que, loazavelmente, ele próprio tomou a responsabilidade — foi origem principal do que se passou. O que fica dito e, convém acentuar, facilmente comprovável... Aliás, esclarece-se, não fazíamos parte do júri. Felizmente estamos já livres disso...

1.ª etapa: sol e poeira; estrada em mau estado para corridas velocipédicas; troços em que se fez ciclopedestrianismo. Por toda a parte muito entusiasmo, muitos prémios. Boas perseguições de João Rebelo, Mourão e Império; recuperações magníficas, facilitadas pelo fraco andamento anterior e pelo «pique-nique» que a certa altura os corredores

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

decidiram fazer, de Eduardo Lopes e João Lourenço. Corajosa actuação de Castódio dos Reis, o mais infeliz da etapa.

Na embalagem final João Lourenço venceu, beneficiando do facto de ter saltado a corrente à máquina de Fernando Moreira. Não queremos dizer que o portuense ganhasse; a luta é que seria mais apertada e problemática a vitória.

2.ª etapa: ataque a lundo do Benfica, respostas oportunas do Sporting, lata emotiva entre os dois clubes. O mesmo entusiasmo popular da véspera.

Na parte final isolaram-se Jacinto, Rebelo e Castódio Reis. O primeiro «laroa» e o sportinguista veio a triunfar. Ele e Rebelo ficaram sós com o mesmo tempo; Castódio 4.º e 1.º: Rebelo 2.º e 2.º. O júri atribuiu o 1.º lugar a João Rebelo, o que parece ter provocado protestos.

3.ª etapa: sempre o mesmo entusiasmo do povo. Média mais fraca que de manhã, acasando os corredores o calor... e as desistências de Lourenço, esgotado, e Castódio Reis, que por duas vezes partiu a bicicleta.

A equipa do Benfica encontrou-se só em campo, mas a sua vitória não foi fácil. Repare-se que o Académico do Porto, ficou a 4 m. 34 s., tendo ganho tempo na última tirada. A equipa do Benfica perdeu José Martins, que não sabe sofrer... Falta de entendimento entre os «encarnados» — verificada pelos próprios dirigentes do clube, em cujo carro acompanhámos a prova — criando relativas dificuldades que a coesão eliminaria, pois a equipa «encarnada» era a mais forte. João Rebelo, o melhor homem da equipa e da prova, foi pouco ajudado.

João Rebelo foi, quanto a nós, o corredor que se apresentou em melhores condições. A desistência de Castódio facilitou-lhe a tarefa e o triunfo, já que o sportinguista era o único capaz de discutir com ele a vitória final.

Salientam-se os boas provas de Aristides, Manuel Rocha e do jovem Fernando Sá, em nome a considerar de futuro.

Por equipas, o Benfica, mais homogêneo, venceu bem. Segundo lugar interessante do Académico. Do F. C. do Porto faltou terceiro homem; o mesmo sucedeu ao Sporting, ao ficar privado de Lourenço e Castódio.

Organização com várias deficiências. Louve-se, porém, o esforço da Casa do Ribatejo e tenhamos presente que foi ela, afinal, quem rompeu fogo para dar um pouco de vida ao ciclismo. Esse esforço, essa boa vontade têm de fazer perdurar as deficiências verificadas.

Manuel Mota

Ano V — II Série — N.º 245
Lisboa, 30 de Julho de 1947

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

Teléfono, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS

Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAFUA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

NORTE - SUL de Óquei em Patins



A equipa do Sul de óquei em patins, que se exibiu contra o Norte, ganhando por 6-1



A equipa do Norte, que a despeito da sua boa vontade não conseguiu evitar a derrota



NO Porto disputou-se o III Norte-Sul, triunfando os sudistas por 6-1, golos de Olivério, Correia dos Santos (2), Jesus Correia (2) e Lopes, pelos sudistas, e Manuel Soares, o dos nortenhos. Havia interesse em ver os campeões do Mundo, que receberam significativa homenagem do público do Porto, mas o encontro desiluiu de um tanto — pelo desnível de valores: esperava-se mais dos visitados. No próximo número falaremos mais do estófo destas relações esportivas entre o Sul e o Norte.

Nas duas últimas fases fotográficas podem os leitores apreciar um aspecto do encontro,

e o internacional português Manuel Soares, do Infante de Sagres, na altura de receber um relógio de pulso, em ouro, que lhe foi dado pela Federação, como componente da equipa vencedora do campeonato do Mundo e da Europa, realizados no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.



Realizou-se a 1.ª volta do Ribatejo, anualmente. Os corredores, todos os bons corredores portugueses, estiveram na prova, que concluiu com a vitória do Benfica, por equipas, e de João Rebelo, do mesmo clube. Desportistas ribatejanos puderam vibrar com as várias fases de corrida, por assim ter a mais importante desta época, na estrada. Damos vários aspectos da luta entre os concorrentes: em cima e em baixo, quatro grupos em plena prova; ao lado, vencedor individual, João Rebelo



O tenente Cras Azevedo vencedor individual da prova de domingo. Colectivamente triunfou a equipa B do Depósito de Remonta

Hipismo em MAFRA

A "Taça Carlos Abrantes", agora posta a disputar pelo Depósito de Remonta não é mais do que a continuação da "Taça Farinha Beirão", ganha no ano anterior por um oficial daquela unidade.

Como se sabe é da responsabilidade do estabelecimento militar a que pertença o vencedor a instituição do novo troféu.

Desde 1936 que anualmente se disputam estas provas em espectáculos desportivos do maior interesse, que servem de boa propaganda do desporto hípico. Da utilidade da iniciativa é, portanto, escusa do falar.

Maфра com o seu agradabilíssimo hipódromo repleto de público, deu-nos no domingo um festival muito curioso que começou com a festa final do Curso de Instrutores de Equitação e que terminou com a primeira disputa da "Taça Carlos Abrantes" que apresenta a novidade de ser disputada por equipas embora também conte com prémios individuais.

A luta travou-se entre alguns dos nossos melhores concursistas. Havia grande interesse de ver em acção os cavalos da equipa nacional e esboçara-se um movimento de curiosidade à roda dos cinco cavalos já concursados adquiridos em França pelo coronel Mousinho com vista aos Jogos Olímpicos, dos quais só um apareceu e por pouco tempo devido a três recusas...

Tarde cheia de atractivos especiais para os adeptos da modalidade, beneficiada com os primores de uma boa organização.

Eis um breve apontamento da festa de Maфра, uma festa hípica cem por cento que o público soube apreciar como devia e aplaudir com entusiasmo.

Antes Teixeira

SPORTING VENCEU em ATLETISMO



O S. L. Benfica, no último dia de provas, conquistou boas vitórias. Eis a sua equipa de 4 X 1.500, que bateu o «record» nacional



A equipa de 4 X 100 do Benfica, que obteve magnífico triunfo no campeonato de Lisboa



Hedi Simões sempre provas femininas. É valiosa atleta do Sporting. Nesta foto, salta 1^m,25



Alvaro Dias, valoroso campeão leonino, no salto que lhe deu a vitória



Francelina Moita, do Belenense, conquista igualmente os seus títulos. A sua expressão de contentamento, após o lançamento do dardo, está bem à vista. O Belenense conquistou também o Campeonato feminino. A sua equipa, que teve em Francelina Moita, Ivone Martins, Herminia e Leura Rodrigues as melhores praticantes merece bem essa honra

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Apareceu em Londres um maquinismo contador da quantidade de pessoas que ingressam em determinado recinto, servido por várias portas de entrada.

As suas dimensões (45x35x20 centímetros) são verdadeiramente práticas, tornando fácil a instalação. Ligado electricamente aos torniquetes dos portões — que nalguns campos de futebol ascendem a cinco dúzias! — regista nos quadrantes não só o número de indivíduos que penetraram para os diferentes sectores, mas a totalidade geral dos ingressos.

Depois de analisado pelo Ministério do Interior será ensaiado no campo do Bristol City F. C. para se averiguar a eficácia do instrumento.

Deste modo se poderão evitar os desastres por esmagamento, idênticos ao que houve no terreno de Bolton, em 1946. Logo que a lotação oficial seja preenchida, fecham-se os portões de entrada, sem apelo para ninguém.

Uma derrota tardia

Desde 1943, quando fora vencido pela última vez, o clube da Dinamarca, Nordkoepping, ainda não tinha sofrido qualquer desaire. Como, todavia, nem a tempestade nem a calmaria são eternas, chegou-lhe agora a vez de perder com um grupo modesto, da 2.ª Divisão, o *Karlotad*, por 3 2. Já era tempo!

O Campeonato da Argentina

Apesar do Racing ter vencido o Independiente por 3-2, ligando-lhe a primeira derrota no Campeonato argentino, este clube mantém-se à frente da classificação com 22 pontos. Em seguida e a par, vêm o River Plate — que bateu o Tigre por 5-1 — e o San Lorenzo de Almagro — empatou com Boca Juniores, 3-3 — ambos com 20 pontos.

NA SUÍÇA

Os Grasshoppers, de Zurique, ganharam um desafio amigável à selecção de Innsbruck por 4 bolas a uma.

CICLISMO

A Volta à França

Concluiu já, com a inesperada vitória do ciclista francês Jean Robic, a corrida denominada «Volta à França». O triunfo pôde atribuir-se à tirada contra-relógio, que perturbou a posição dos italianos Brambilla e Ronconi, até ali nos dois postos dianteiros. No fim e ao cabo a classificação final foi a seguinte:

1.º Jean Robic, em 148 horas 11 minutos 25 segundos; 2.º Fachleitner a 3 m. 58 s.; 3.º Brambilla, a 10 m. do vencedor; 4.º Ronconi, a 11 m. do vencedor.

Por equipas, o triunfo coube à Itália, com 24 minutos e 27 segundos de avanço sobre a equipa da França (o vencedor, Robic, estava encorporado na do Oeste...)

ATLETISMO

Na Suécia

O atleta sueco Henry Ericksson ganhou uma prova de 1.500 metros, internacional, em 3 minutos e 48 segundos, batendo o belga Reiff por 4,2 segundos. Bengtsson venceu os 800 metros em 1 minuto 50,9 segundos.

Lennart Strand igual a Gundar Haegg

Diz o ditado: ninguém é profeta na sua terra. Isto tem aplicação ao notável corredor de meio-fundo, sueco, Lennart Strand, que a maioria dos técnicos seus compatriotas considerava de valor mediano.

Em Malmö, durante uma prova de 1.500 metros, igualou o recorde mundial, que pertence a Gundar Haegg (e podia tê-lo batido...), gastando no percurso 3 minutos e 43 segundos.

Catorze mil espectadores presenciaram a façanha, sob um tempo ideal e propício. Os tempos registados pelos cronómetros foram os seguintes: 3 m. 42,8 s.; 3 m. 43 s. e 3 m. 43,2 s.

Em segunda posição ficou Ericksson, com 3 m. e 44,4 s., seguido de Bergkvist, com 3 m. 50,2 s. Depois, chegaram Jorgensen, dinamarquês, (3 m. 52,2 s.) e Vestlin, norueguês, que bateu o recorde do seu país (3 m. 52,2 s.)

O Campeonato de Inglaterra

Efectuaram-se em Londres, no estádio de White City, os campeonatos de atletismo de Inglaterra, com a participação de vários atletas estrangeiros. A nota imprevista foi dada pelos concorrentes húngaros, que à sua parte conquistaram quatro títulos.

Eis os resultados mais importantes:

100 jardas: Mac Donald Bailey, 9,7 s. e 220 jardas 21,7 s.; 440 jardas: J. Reardon, 48,3 s.; 880 jardas: C. T. White, 1 m. 53,8 s.; milha: S. Garay (húngaro), 4 m. 10,6 s.; 3 milhas: J. Lataster (holandês), 14 m. 20 s.; 120 jardas (barreiras): P. Braekman (belga), 14,9 s.; 440 jardas (barreiras): H. Whittle, 55 s.

Saltos:

Em altura com corrida: Príncipe Adedoyin, 1 metro 93; em comprimento com corrida: H. Whittle, 7,25; à vara: S. Zsitvay (húngaro), 3 metros 81.

Lançamentos:

De peso: D. Guiney, 14 metros 48; de disco: R. J. Brasser (holandês), 43 metros 76; de dardo: J. Stendenieks, 64 metros 20.

NOTA DA SEMANA

Durante a semana finda sucedeu na Suécia um facto raro e muito sensacional, pelo aspecto fraudulento de que se revestiu. E' do conhecimento dos nossos leitores, se não de todos ao menos de bastantes, que o povo sueco alcançou um nível educativo invulgar, comparável, apenas, ao dos dinamarqueses e noruegueses, seus vizinhos geográficos.

As praxes desportivas e a ética do desporto, na pátria de Ling, estão intimamente ligadas, sendo raros os prevaricadores. Ora, produziu-se uma burla impressionante, daquelas que dão brado pelo que têm de impudicas, mais admissíveis nos países latinos do que nos outros, onde primam virtudes sociais profundas e radicadas.

O lançador Erik Johansson, especialista no arremesso do martelo, mais conhecido pelo epíteto popular de Umedalen, bateu, durante um certame atlético, o recorde nacional. Arrojava o engenho esférico a 58,57 metros e passeava ufanamente na pista, sob os quentes aplausos do publico.

Depois de medida a distância, passou-se à verificação do peso exacto do instrumento. Com natural espanto, porque o martelo fora pesado antes da tentativa e possuía mais três gramas do que o peso obrigatório de 7,257, kg., verificou-se que lhe faltavam 450 gramas!

Intrigados, os oficiais de pista e membros do júri não descorriam a causa do fenómeno, até que um, mais desconfiado, resolveu fazer policia por conta própria.

Dirigiu-se ao vestiário e com grande sem-cerimónia vasculhou a mala de Erik Johansson, topando logo com o martelo, que fora examinado e aferido antes das provas.

O atleta foi interrogado acto-contínuo e diante de tal evidência de provas não pôde defender-se ou achou que ficaria mal aos seus quarenta e três anos inventar uma mentira abjecta. Encolheu os ombros, declarou com velhaca candura:

«Quería que o publico se alegrasse com a visão de uma proeza sensacional».

O epilogo desta fraude consistiu no seguinte: o recorde da Suécia de lançamento do martelo baixou para 56,166 e os títulos e recordes do atleta Johansson desapareceram das listas oficiais, riscados para todo o sempre.

Que a lição aproveite, são os nossos votos.

R. B.

BOXE

Bonetti venceu mais outro

O pugilista italiano Bonetti, agora nos Estados-Unidos, ganhou por pontos ao cabo de 8 assaltos a Willie Roach, em Nova York.

Rocky Graziano novo campeão

A cidade de Chicago (E. U. A.) foi teatro de um formidável campeonato de boxe entre Rocky Graziano, pretendente à coroa dos «médios», e Tony Zale, proprietário da mesma.

Depois de dois assaltos verdadeiramente épicos, Zale produziu nos dois olhos do seu rival feridas contusas profundas e atirou-o à lona, durante o 3.º round. Nos restantes, todavia, baixou de tom e ao sexto recebeu um castigo violentíssimo, que levou o árbitro a suspender o prosseguimento

da batalha, conferindo a vitória ao pretendente, por fora de combate técnico.

Graziano é, portanto, o novo campeão mundial da categoria.

O 16.º triunfo de Charles

O pugilista negro Ezzard Charles obteve a décima sexta vitória sucessiva em Cincinnati, onde pôs a dormir o rijo Fitz Fitzpatrick durante o 2.º assalto.

Na data em que escrevemos, Charles estará prestes a lutar com outro negro, Elmer (Violent) Ray, para alcançar notoriedade bastante a fim de ser oposto a Joe Louis.

Joe Louis ficará inactivo até 1948

Apesar das frequentes notícias vindas a lume na imprensa, é quase certo que Joe Louis ficará inactivo até 1948, por falta de adversários de classe.

MOSAICOS nortenhos...

Stadium na Capital do Norte

Há dias encontramos um desportista curioso. Pessoa que anda sempre a par do movimento desportivo nortenho. Trazia uma novidade. Muitas novidades. A queima roupa:

- Quer saber uma coisa?
- Diga!
- A linha do F. C. P. para a próxima época, sem tirar nem pôr...
- Fantasia...
- Pois sim, como quiser. Mas ouço: — Barrigone; N. N. e Alfredo; Joaquim, N. N. e N. N.; N. N., Araújo, N. N., N. N. e N. N. Apertámo-lhe a mão e fugimos. Livro!

Ainda lhe ouvimos dizer: — Sabe o que eu quero, pelo menos, afirmar com isto? Que depois dos jogadores indicados, tudo merece «reforma». Os N. N. deveriam aparecer, pelo menos.

— Mas, nem lento ao mar, nem tanto à terra. Não será assim, sr. N. N.?

Vários clubes do Porto «sentiram» o projecto de eliminação dos campeonatos regionais. Sem o campeonato do Porto, sentem-se pequenos, pequeníssimos. Claro que o campeão, o F. C. do Porto, talvez goste da solução. «Que interesse ao F. C. P. o título, a obrigação de jogar uns tantos desfeitos, amarrado a pequenas receitas, quando os domingos livres lhe podem ser muito úteis?»

É este o pensamento geral dos seus associados, segundo parece.

Das grandes enchentes leve o Palácio por ocasião da visita dos jogadores brasileiros de basquetebol. Isto demonstra que todo o público do Porto sabe corresponder às boas iniciativas.

E hoje se recorda, mais uma vez por ser justo, aquela «bela» atitude federalista, quando afastou o F. C. do Porto do campeonato nacional de modalidade.

A propósito: — os «segundos» da prova nortenha continuam irrduíveis. Estão cheios de razão e quando isso lhes acontece nem o diabo os consegue convencer...

Sabe-se que o Académico, como o clube campeão, prepara a sua equipa. Aparentam-se alguns nomes, mas diz-se que perderá o médio-centro Pecheco. Se os campeonatos regionais desaparecerem, de pouco servirá o reforço, evidentemente. Todavia, o clube do Lima pode trabalhar no sentido de ingressar na Divisão maior do futebol português. Já seria alguma coisa...

Notação... Uns esperam pelo F. C. do Porto. O F. C. do Porto espere pelos outros. E todos aguardam, afinal, que se faça o milagre da piscina. Ponto nevrálgico de toda esta questão, afinal. Sem lugar próprio para a prática do útil desporto não se pode progredir. Dito isto — não se quer brincar com a água. Valerá a pena — pensam alguns clubes. Na verdade, é caso para pensar duas vezes.

Não gostamos...

Não concordamos. Embora quase toda a Imprensa, especializada ou não, deixasse perceber que a atitude tomada pelo Vasco da Gama correspondia a um protesto contra a arbitragem «portuguesa» do sr. Ramos Pinheiro, de Lisboa, não nos é possível aplaudir o seu abandono de campo no segundo jogo frente aos brasileiros da Confederação.

Seja qual for a razão invocada, deve culpar-se o grupo vascoano. O público menos apaixonado não pode suportar um acto que não está nas tradições de um agrupamento brioso, como o Vasco da Gama, e nem na história do desporto cidadão, pelo menos quando se efectua jogos com entradas pagas.

É preciso criticar estes actos desapassionadamente. Temos a melhor e mais justificada simpatia pelo Vasco da Gama, mas isso não nos conduz ao ponto de lhe dar razão.

Seja qual for o motivo, nunca um grupo de boa tempera desportiva pode desprezar o seu público e a lei natural das suas obrigações para com o adversário. De resto, algumas culpas cabem também ao grupo português. Ao valoroso e indiscutível campeão não ficava mal perder ou aceitar os próprios deslizes do árbitro. Toda a vida houve e haverá juizes maus, péssimos, e mal de nós se por «coisa tão simples» resolvermos sair da luta sem nobreza.

A primeira e brilhante vitória do Vasco da Gama ficou escurecida por este acto irreflectido. Custe a quem custar. Repetimos que é preciso ver os casos desta natureza com melhor serenidade. Os incidentes com a arbitragem são vulgares, dão-se hoje a jogo, seja no basquetebol, no futebol ou noutra qualquer modalidade; mas chegar a atitudes extremas só cria arditos, formando ambientes que deixam margem a dúvidas.

Não. O Vasco da Gama, digam-nos o que quiserem, procedeu mal. E dizê-lo, assim, com toda a franqueza, talvez sirva melhor o clube. Dominar a situação com literatura mais ou menos arrojada talvez não seja processo a ter em conta. Sejam francos...

Oxalá que sim...

Lemos nos jornais que a Câmara Municipal do Porto se mostra interessada em criar no Palácio de Cristal uma zona de desportos. Uma piscina, um campo de basquetebol e um campo de palinagem, um ginásio...

Oxalá que sim. Já temos ouvido dizer, variadis-

Almanaque dos Desportos

Este sensacional trabalho não pode ser apresentado em público com a brevidade que se esperava. Por isso mesmo, estuda-se a possibilidade de fechar o «Almanaque» de época a época e não de ano a ano, modalidade que servirá admiravelmente os desportistas. O que pode e deve é afirmar-se que a obra agradecerá em absoluto, continuando a receber-se inscrições, na Redacção do Stadium e na Avenida Óscar Monteiro Torres, 37, 1.º Esq.

simas vezes, que o Palácio de Cristal irá ser adaptado a isto e aquilo; e temos nós sobemos quantas, que a piscina, a celeberrima piscina, seria um facto, ora na Foz, ora junto dos jardins admiráveis do inaproveitado casarão da Rua do Triunfo. Tudo, porém, se perdeu em palavras bonitas, em artigos, notícias ou entrevistas, tal como se tem perdido o malfadado campo de jogos do F. C. do Porto.

Julgamos a actual Câmara, entretanto, de que fazem parte figuras da melhor fibra desportiva e regionalista, muito capaz de fazer transformar o Palácio de Cristal num edifício útil. Até agora, salvo quando uma ou outra exposição se instala na sua nave ampla, o Palácio apenas tem servido de sala de visitas de Verão. Pouco mais. Ora, uma vez transformado em Palácio de Desportos, como o Pavilhão do Parque Eduardo VII, por certo serviria uma população que tem sabido corresponder a iniciativas do melhor quilate.

Faça-se a experiência. O Porto merece-o.

MOSAICOS nortenhos...

Lemos mais um artigo sobre treinadores. Contundente aqui e além. Pessoal em diversos pontos. E... arrojado. Quando se não tem simpatia alguma por determinado elemento, tudo serve para diminuir a sua acção, o seu esforço permanente, a sua prestável vontade. Não se fala de um determinado homem, para despistar. Não julgamos bom o processo.

«Isto» não é tão fácil como parece. A despeito de tudo quanto se diz por cá.

Vibrou o público com a prova de 100 metros que Manuel Núncio ganhou a Sampaio Peixoto. O Lima «foi abaixo». O pequeno rapaz do Alentejo viu-se aplaudido pelo público, quase todo de pé, rubro, «azul branco até à ponta dos cabelos». Poucas vezes tem acontecido assim.

Porquê? No atletismo português têm-se visto provas mais fulgurantes, disputadíssimas. Simplesmente: na prova clássica dos 100 metros, a mais bonita, chegou à fita de chegada um elemento que representava o F. C. do Porto. Podem crer que é assim. No dia em que o popular agrupamento liver piste capoz...

Mais uma vez foi adiada a prova velocipédica Porto-Vigo-Porto. Tem um piadão, este «brincadeiras».

Não conseguiu a equipa do Sporting impressionar o público que foi ao Estádio do Lima ver as provas de pista. Porém, a sua derrota não merecia comentários tão áspers e nem a comparação que se pretendeu estabelecer com o valor dos «spistards» do Benfica. Por esta equipa ter vencido o F. C. do Porto no domingo anterior?

Ora! Ilusão. O F. C. do Porto, na pista, sem «avarias», vencerá quando e como quiser. A surpresa do primeiro dia não deverá repetir-se.

Experimentem...

Um colega de Coimbra, em correspondência de inteligente jornalista beirão, fez um trocadilho «terrível» com uma possível transferência (?) de Calado para o Benfica. Achava-se bem e embandeirou em arco. No entanto, parece que o caso não se passará bem como diz.

É ocasião do simpático camarada «achar mal». Ainda que lhe custe... De resto, o pobre moço foi «inventado» por Tavares de Silva. Não vale um palaco falso, não é assim?

ATLETISMO...



Manuel Nuncio do F. C. P., corta o fio de chegada, nos 100 metros; Nuncio, atleta quase infantil, arrancou ao público memorável manifestação. Foi o seu ídolo, há uma semana



Sampaio Peixoto, o valeroso «internacional» academista, campeão nortenho de 200 e 400 metros, em plena corrida. A luta Sampaio Peixoto—Nuncio foi sempre desejada pelo público do Lima

CICLISMO...



Onofre Tavares, em cima, e Fernando Moreira, em baixo, embora do mesmo clube, foram os melhores adversários na pista no Lima. O público delirou com a sua actuação

a maneira aplicada como se batiam os concorrentes.

No mesmo campo, mas na pista de classe, vimos também uma jornada de bom atletismo. Manuel Nuncio, Leonel Silva Albuquerque, p-lo F. C. Porto; Sampaio Peixoto, Perdigão, Tamegão e o «velho» Herculanu, pelo Académico; Bastos Machado, de Braga, e Moatálvão, exímio saltador do Estrela e Vigorosa, ouviram aplausos, muitos aplausos. A final dos 100 metros teve horas de prova extraordinária, talvez como há muito se não via no Porto...

Quase à mesma hora, noutros recintos, outros desportistas praticavam jogos favoritos. O lawn-tennis, por exemplo, teve sempre muitos e bons admiradores no Porto. Desde o Velo Clube, actualmente com actividade reduzida, desde o F. C. Porto por onde o próprio José Roquete já passou, até ao Lawn-Tennis Clube, da aristocrática Foz do Douro, — houve sempre bom tennis na capital nortenha. Os campeonatos deste ano já passaram. José Roquete, Vasco Horta e Costa, Francisco Matos Hardy, dr. Fernando Prata de Lima, o médico campeão, e outros mais que será escusado recordar, provaram com exuberância a sua classe, o seu amor à modalidade.

Depois, mesmo em dia de semana, encheu-se o improvisado campo de basquetebol do Palácio de Cristal, que talvez venha a ter uma piscina e a servir de autêntico «palácio dos desportos»... Os portuenses não quiseram ficar mal em relação a Lisboa. Foram ver os brasileiros em grande número, apaixonado número, pode afirmar-se, e assistiram também a uma vitória do seu campeão, o simpático e valeroso Vasco da Gama. O basquetebol continuou a cumprir, tanto pela «qualidade» que os jogadores lhe souberam emprestar, como pela maneira como os portuenses auxiliavam a organização. Desde há muito tempo que é assim Financeiramente, não deixou ainda o Porto de corresponder. Embora o não reconheçam sempre.

Mas, e aqui apontaremos um ponto nevrálgico: — o Porto precisa de instalações. Que a cidade é desportiva, não restam dúvidas. Luta, porém, ingloriamente. Os seus atletas, inferiorizados pela falta de campos capazes, vêm sempre porém dar réplica da melhor. Nem vale a pena falar, por exemplo, em patinação. Para quê? No que em patins, é a inferioridade do Porto manifesta. A última derrota de 6-1, frente a Lisboa, indicou aos portuenses que falta trabalhar muito, muitíssimo. Aqui, não será por falta de instalações...

Depois de Lisboa, isso é verdade, possui o Porto grande quinhão na actividade desportiva. Lastimamos que não seja assim por todas as cidades do país. Que o basquetebol, o que em patins e no campo, o andebol, o atletismo, o tennis, o remo e tudo o mais relacionado com a Educação Física não possam respirar vitalidade, dando-nos domingo a domingo, semana a semana, provas da sua força indesmentível!



LAWN-TENNIS...



Os tenistas José Roquete e Vasco Horta e Costa tem dado ao Porto muitas vitórias. Ganharam agora, em pares, o campeonato regional, e estão dispostos a continuar... Eis o grupo finalista, constituído por 4 valores individuais

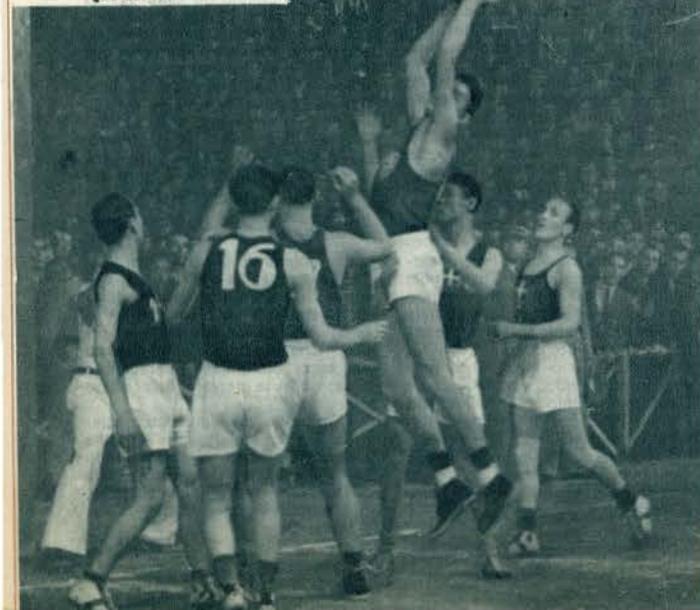
PORTO Cidade Desportiva

Em ciclismo, atletismo, lawn-tennis e basquetebol, especialmente, forneceu a cidade do Porto, há pouco mais de uma semana, a demonstração pura da sua actividade desportiva. Na pista do Lima correram os melhores ciclistas nacionais, depois do Benfica — o Sporting, em luta animada com os mais bem apetrechados eleitos do F. C. do Porto, do Académico, agora reforçado com os marroquinos Driss Djilali, do Salgueiros e do Desportivo da Cova da Piedade.

Primeiro, ganhou o F. C. Porto, contra o Benfica, que veio a desforrar-se depois voltou a ganhar o popular clube nortenho, frente ao Sporting, deixando o público satisfeito com os aspectos da luta Fernando Moreira-Onofre Tavares, homens do mesmo club. De qualquer dos modos, o ciclismo proporcionou ao público desportivo Capital do norte alguns momentos agradáveis, entusiasmando-se todos com

BASQUETEBOLO...

na fase do encontro — Vasco da Gama — C. B. B. Por baixo do cesto, Vasco da Gama há um jogador que sabe...



LAWN-TENNIS...

BELMONTE em Elvas

ACABOU onde COMEÇOU

QUE de vezes fomos assistir a corridas que se anunciavam como sendo as da despedida de Juan Belmonte! Antes de 1924 já escreviamos na revista «Zig-Zag», de Madrid, uma crônica que intitulámos «En Badajoz se ha puesto el sol». Belmonte passara já então a tourear a cavalo para justificar o novilho e evitar o touro, com o qual já não podiam as suas faculdades físicas, que sempre foram escassas. Em 24, à volta de Lima e antes d-se decidir a aceitar o célebre contrato de Eduardo Pagés, fomos ver Juan a Zumaya, num festival em que também tomaram parte Cañero e Algabefio e em que Belmonte foi colhido por uma bezerra. Sempre foram as bezerras que o colheram porque dos touros

mano, arrancando a um parmo der hocico. Orejas, rribo, do vuerta; que sé yo? Er delirio! Belmonte!!! Un recuerdo pa Gal-lito, er mejó torero der mundo, y, Ber-monte!!! Viva Triana!»

Montez, mas sem ter recebido lições do mestre. Todos os toureiros, até então, tinham recebido lições directas dos seus mestres, Paquito de Pedro Romero, Chiclanero de Paquito, Curro Cuchates de Jeronimo José Candido, Esgritcho e do Senhor Fernando, e destes seus filhos Rafael e José. Belmonte recebeu ensinamentos de António Montez através de seu pai, partidário do malogrado precursor, e de José Maria Calderon, peão de confiança de quem até à sua morte no México, e depois descobridor e panegirista de Juan.

Belmonte, ao principio, não distinguia um touro de uma vaca — ele o dizia a Carlos Iglésias Viana, com exagero bom entendido — mas aprendeu, do touro e do toureiro, ao lado de Joselito, que, aliás, lhe deve também o ter sido levado por ele àqueles terrenos. Joselito teria sido, sem Belmonte, o mesmo toureiro enciclopédico que foi, mas teria ficado, talvez, nos terrenos clássicos até então, sem a evolução para o toureiro parado, lento, em que se pode mandar melhor, por se mandar mais perto, com mais eficácia engano.

Trinta e oito anos depois de, pela primeira vez, ter vestido em Elvas um fato de toureiro, alagado e que lhe não servia Juan Belmonte voltou a Elvas para assistir à inauguração duma lápide, e para tourear, a cavalo e, se não acontecesse o que aconteceu, a pé também.

Na véspera estivera-se treinando na sua propriedade de «Gomez Cardaña», e mandara chamar Rafael «El Gallo» para lidar com ele bezerras, como quando ambos começaram. Belmonte, como «El Gallo», permanece «aficionado», tal como quando ambos eram «niños».

Ah! Mas já não são! Juventude divina tesouro! Belmonte — escreveu — teria dado os milhões que ganhon nos touros para poder agora voltar a ter a mocidade perdida.

Assistiu, de cabeça descoberta e ao s l, à inauguração da lapide, colocada sobre a porta dos cavaleiros da Praça de Elvas. Ouvia o que dele disseram, recordando a sua paixão ali, com o seu primeiro fato de toureiro, um fato alagado. Lembrou-se daqueles tempos, do que ele

era então, e agradeceu com palavras de comção sentida.

Depois apareceu a cavalo, cravou duas farpas boas, com a prática que tem de andar a cavalo no campo, «acosando», e com a sua bela intuição do touro e dos terrenos Foi mudar de cavalo, um que Conchita tinha já levado ao México e que é cego do olho direito. Belmonte deve ter esquecido isto, e não deu saída ao cavalo que, assim, foi tocado pelo touro, levemente mas o bastante para que o cavaleiro sentisse o choque, de tal forma que perdeu o conhecimento e tombou sobre o pescoço do bruto, acabando por resvalar para o chão.

Não foi a idade — Belmonte nasceu em 1892 e tem, portanto, 55 anos; foram os anos de luta, os estragos produzidos pela vida intensa do toureiro nas suas sempre escassas faculdades. Regressou a Sevilha com um ombro muito contuso, apoiado em almofadas, e triste, muito triste, por não ter podido tourear a pé e por levar consigo a convicção certa de que não poderá tourear mais. O dia 20 de Julho de 1947 foi o da definitiva despedida de Belmonte. Acabou onde começou, em Elvas. Voltaremos a vê-lo à porta do Café Goya, que já não existe, como ele para os touros, mas sempre falando de touros.

Rogério Pérez

Consultório de «res-aurina»

Consulta-nos o sr. Caldas Ribeiro, de Guimarães, acerca da puerícia do touro ante o vermelho do engano, e temos o prazer de lhe confirmar que está na razão quando nega o facto ante amigos seus que o defendem. O daltonismo do touro não lhe permite distinguir cores, investindo a qualquer objecto que se mova ante ele, seja vermelho, amarelo ou verde, e estas duas últimas cores tinham antes as «muletas». É possível, porém, que o vermelho, tal como na fotografia acontece, lhe dê o objecto mais destacadamente escuro, isto é, mais visível.

R. P.



Assim acabou Juan Belmonte, montado a cavalo para justificar o novilho e se defender do touro com que as suas faculdades já não podiam. Até que, em Elvas, onde começara, acabou definitivamente para o toureiro

sabia ele defender-se — al que me inviste, lo engañó — dizia. E isto voltámos nós a ver nas várias corridas que ele toureou em 1925 com António Cañero. Entre retiradas e regressos andou até 1934 — dezenas de indecisões entre a «afición», e o amor ao dinheiro, e o reconhecimento de que já passara o seu tempo e, sobretudo, de que lhe faltava «Joselito» para entreter o público nas tardes más, até chegar a tarde de Besmonte.

Em 1934 deu em Madrid o que devia ter sido digna e oportuna retirada. Foi das melhores tardes de Belmonte e dela escreveu o sevilhano Martínez de Leon: «Su faena a su segundo, de Murebe, mansote, que un modelo. Corta, justa, precisa, sin un pase más ni meno, ganando ar toro de primera com unos ayadas por bajo y corriendo depues la mano, sobre to eu dos de pecho enormisimos, pasando to er toro, enterol por la mismísima pechera del fenomeno. Yante que se enfria la gente, la estocó haata la

Mas, em 1935, Belmonte voltava à Monumental de Madrid, para se despedir outra vez. E lá fomos outra vez! E em Setembro do mesmo ano voltámos a ir despedi-lo a Sevilha. E ainda o vimos despedir-se em Madrid, já a cavalo, o que em Belmonte é sintomático e prova a sua nunca desmentida inteligência. E também nessa tarde foi colhido por um bezerra. Aconteceu, porém, que a guerra civil espanhola, com a sua série de corridas patrióticas, obrigou Belmonte a vestir outra vez o «traje de luces» que em Elvas tinha vestido pela primeira vez, em 1909, quando ainda não era fenómeno e por Sevilha procurava, entre fracassos repetidos, a hora segura do seu éxito certo, treinando-se no campo, às escondidas dos maiores dos ganaderias, e no Altosano, em Triana, «toureando» os amigos, os castros eléctricos e até as grandes da ponte.

Era um caso novo o de Belmonte que se baseava no toureiro lento de António



Assim começou Belmonte, pisando terrenos inéditos, ergulda a figura que ante o touro adquiriria belzsa, com o jeito da mandíbula sobre o peito, auténtico fenómeno, armando a maior revolução do toureiro, causando pismo

O S. L. e BENFICA

é campeão absoluto

O Campeonato Nacional de Juniores foi este ano, disputado com muito entusiasmo, porque entre as equipas concorrentes algumas havia que alimentavam justificadas aspirações, quanto à obtenção do título.

Na zona Norte, a luta Olivais-Académico denotou a existência de dois «cincos» de valor muito aproximado, pois foi necessário recorrer-se ao prolongamento, num segundo jogo, para apurar o finalista que viria a Lisboa de frente o Benfica, já qualificado, depois da sua vitória sobre o Quezuz.

No último sábado, o campo do Ateneu, registando regular assistência, serviu para dirimir mais esta questão de superioridade, entre Lisboa e Porto. Estiveram no terreno os conjuntos do Benfica e do Académico — qualquer deles ostentando o título de campeão regional.

Os primeiros momentos da partida demonstraram que os «encarnados» não estavam muito à vontade em frente de uma equipa que não conheciam. Passes mal medidos, lançamentos pouco certos e uma onda de nervosismo que dominava todos os jogadores. Por parte do Académico, notou-se maior consciência técnica e melhor preparação moral para jogos desta natureza.

Não surpreendeu, portanto, que os portugueses abrissem a marcação, por intermédio de Carlos Teixeira — um elemento que impressionou excelentemente, pelas suas

óptimas aptidões para a prática do basquetebol — e que chegassem a 6-0, com mais dois «cestos» do mesmo jogador. Até ao final do primeiro período, o Benfica obteve três pontos, por Vitor e Alfredo, e o Académico dois, em consequência de um lançamento de Parente.

Porém, quando terminou o segundo período, isto é, ao intervalo, já o Benfica tinha conseguido aproximar-se, fazendo 8-10.

A última parte do encontro pertenceu ao Benfica, que, após um curto espaço de hesitação, alcançou a vantagem de cinco pontos (20-15), que tranquilizou os seus adeptos. Num derradeiro esforço, os rapazes do Académico transformaram dois lançamentos e ficaram a um ponto do seu adversário. Ainda beneficiaram de um lance livre, mas, como este não foi aproveitado, desapareceram as possibilidades de uma recuperação que, a dar-se, tornaria altamente emocionante o final do encontro.

Do Benfica, Sande Freire e Silvano destacaram-se, pela sua acertada actuação, na defesa. Vitor Neves — o marcador de metade dos pontos da sua equipa — Alfredo e Berto jogaram com louvável vontade, após os primeiros minutos de nervosismo. Salvador não conseguiu adaptar-se.

Teixeira, Castro, Parente e Costa foram os melhores elementos do Académico.

Arbitragem do sr. Artur Almeida.

Monteiro Poças

Uma questão em França

ressuscita o problema dos «salários perdidos»

Na Federação Francesa de Basquetebol surgiu grave conflito: o presidente da direcção foi acusado publicamente por um dirigente categorizado de haver cedido ante a imposição de alguns dos jogadores seleccionados para o campeonato da Europa, em Praga, pagando-lhes 400 francos por indemnização de salários perdidos em cada dia que estiveram no estádio no Instituto Nacional de Desportos, em Fontainebleau, e, depois, na Checoslováquia.

Esta controvérsia veio por uma vez mais em foco uma velha questão, da maior acuidade na época presente, em que a situação social do Mundo evoluciona em sentido que não se coaduna com a estabilização de princípios doutrinários firmados quando as condições de vida eram bem diferentes.

O jornalista Marcel Oger escreveu no diário «L'Equipe» um comentário que merece tradução: «O pagamento dos salários perdidos não é um acto de profissionalismo. É uma recuperação sem

a qual só poderiam, no futuro, ser seleccionados para as competições de longa duração os ricos, os funcionários do Estado e os assalariados cujos patrões fossem Mecenas do desporto. Aprovamos o Estado por ter continuado a pagar os vencimentos a Frézot (um dos jogadores incriminados) durante o estágio em Fontainebleau e o campeonato da Europa; por conseguinte, só poderemos aprovar também a Federação por ter reembolsado os salários perdidos pelos seus camaradas que efectivamente os não receberam durante aquele mesmo período».

A argumentação é irrefutável; parece preferível adoptar desasombroadamente a solução, que é inevitável, a escorraçá-la dos regulamentos para que seja posta em prática na sombra, como um acto condenável e atentatório da dignidade desportiva.

Aceitamos, advogamos até que se não ganhe dinheiro por intermédio da prática do desporto; mas a inversa, impor sacrifícios que podem ser inoportunos, não é de admitir.

Um «tropeção»

do Paço de Arcos

aparentemente sem importância...

...e o regresso do Infante de Sagres ao quadro de campeões do Porto por ter batido o Académico

Nem por sombras supusemos tão pronta e conclusiva a resposta à pergunta aqui formulada na última crónica: — Quem ousará «bater o pé» ao Paço de Arcos? Assim mesmo. E a anunciada próxima «vitima», o Futebol Benfica, impôs o empate (3-3) ao campeão! Isto significa, porém, uma rectificação apropriada ao nosso vaticínio: a equipa da linha do Estoril já não pode ganhar novamente o torneio só com triunfos... Mas há mais: parece existir como que uma dificuldade aparente de adaptação no fogoso e quase imbatível conjunto oqueístico do Paço de Arcos, pois, em três jornadas consecutivas, chegou ao intervalo das suas partidas a perder: 0-2 contra Sintra, 1-3 contra Futebol Benfica e 1-2 contra Sporting de Oeiras. No fim e ao cabo, contudo, os campeões não se deixaram desfeitear — o que implica, logicamente, poder firme de recuperação e superioridade clássica, passo seguro e certo para nova e retumbante vitória global.

Conquanto os títulos estejam quase indicados, o campeonato, concluída a primeira etapa, não sofreu quebra de monta: apenas — com razão justificativa — ligeiro interregno de alguns jogos para afinação do conjunto sudista (cremos não ser difícil seleccionar... a selecção nacional!) em vista do próximo desafio contra o misto do norte. Entretanto — e enquanto a prova prossegue — marquem-se, como simples esclarecimento, resultados e quadros de classificação da primeira volta do campeonato de Lisboa nas três categorias e nas duas divições.

E, assim, teremos nas equipas principais do torneio primário os feitos seguintes: Do Paço de Arcos — contra Académica, 13-1; Benfica, 11-1; Cascais, 7-3; Campo de Ourique, 10-0; Futebol Benfica, 3-3 (!!!); Oquei de Sintra, 5-3; Sporting de Oeiras, 8-0. Do Oquei de Sintra — contra Académica, 6-3; Benfica, 6-0; Cascais, 1-2; C. de Ourique, 6-0; Futebol Benfica, 3-3; Oeiras, 0-0. Do Futebol Benfica — contra Académica, 6-2; Benfica, 3-4; Cascais 5-2; C. de Ourique, 9-1; Oeiras, 1-5. Da Académica da Amadora — contra Benfica, 7-1; Cascais, 6-4; C. de Ourique, 9-0. Oeiras, 5-5. Do Sporting de Oeiras — contra Benfica, 2-2; Cascais, 3-3; C. de Ourique, 0-0. Do

Cascais — contra Benfica, 4-2; C. de Ourique, 2-4. Do Benfica — contra C. de Ourique, 4-2.

Eis a classificação:

J. V. E. D. goals P.

Paço de Arcos.....	7	6	1	—	57-11	20
Oquei de Sintra.....	7	3	2	23-13	15	18
Futebol Benfica.....	7	3	2	30-20	15	15
Académica.....	7	3	1	5-35	14	14
Sporting de Oeiras.....	7	1	5	15-19	14	14
Cascais.....	7	2	1	4-20	12	12
Benfica.....	7	2	1	4-15	12	12
Campo de Ourique.....	7	1	5	7-40	10	10

Marcam — se, na totalidade, 201 golos — que é boa média. Correia dos Santos foi o melhor marcador (com 25), logo seguido pelo primo Jesus Correia (23); vêm depois: José Manuel Carreira (19), Olivério (18), Manuel Eugénio e Velez (12), Sanches (11), Pires (10), Seixas (9), Alcides (8), etc.

Nas categorias inferiores: Segundas — Paço de Arcos, 21 pontos e 58-11 (só vitórias); F. Benfica, 19 e 47-13; Académica, 17 e 31-37; Oeiras, 14 e 19-25; Cascais, 12 e 12-35; Benfica e C. de Ourique, 10, 23-20 (12-46); Sintra, 9 e 11-27. Terceiras — Paço de Arcos, 12 pontos e 28-11 (só vitórias); Académica, 9 e 20-16; Benfica, 7 e 8-11; Oeiras e F. Benfica, 6 e 17-20 (9-24).

O torneio secundário — que se disputa pela terceira vez, e parece, com fortes probabilidades de continuação: nos anteriores, foram campeões, respectivamente, o «deserto» Desportivo dos Taboços (1943) e o Lisgás (1944) — obtiveram os resultados seguintes: Lisgás — contra Ateneu, 2-1; Naval Setubalense, 5-2; Oquei C. P., 13-3; Parede, 10-0. Ateneu — contra Naval, 9-3; Oquei, 6-3; Parede, 8-2. Naval Setubalense — contra Oquei, 1-1; Parede, 4-3; Oquei C. P. — contra Parede, 2-1. E as classificações:

J. V. E. D. goals P.

Lisgás.....	4	4	—	30-6	12
Ateneu.....	4	3	—	24-10	10
Naval.....	4	1	2	10-18	7
Oquei C. P.....	4	1	2	9-21	7
Parede.....	4	—	4	6-24	4

Em segundas: Ateneu, 9 pontos, e 16-2; Lisgás, 7 e 23-5; Parede, 5 e 10-18; Oquei C. P., 3 e 1-25.

Para terminar: vai disputar-se novamente o campeonato lisboense dos juniores; e o Académico — perdendo com o Infante de Sagres por 1-3 — interropeu a sua série na lista dos campeões do Porto!!!

Da competição nortenha foram vencedores: Estrela e Vigorosa (1938), Infante de Sagres (de 1939 a 1943 — cinco anos consecutivos: um recorde... — e agora); Académico (de 1944 a 1946).

assinem a STADIUM

Jorge Monteiro

Stadium

Stadium na Província



O Sport Lisboa e Olivais, filial n.º 37 do Sport Lisboa e Benfica, ganhou a campeonato regional da 3.ª Divisão da A. F. L. nas duas categorias, (primeiras e reservas). O campeonato teve 14 jornadas e o Olivais apenas teve uma derrota.

Em bolas os oliveenses tiveram grande vantagem, metendo 58 golos, divididos por Agostinho (17), Paiva I (11), Clemente (8), João Ferreira (6), Abílio (4), Frutuoso (3), José Ferreira, Rogério I e Rogério II (2) (cada), Leonel, Crespo e Moreira (1) (cada), enquanto que Jaime Paiva apenas consentia nos seus redes 13, não chegando à média de 1 ponto por cada desafio. O Sport Lisboa e Olivais, nas 14 jornadas, utilizou os seguintes jogadores:

Em primeiras categorias: Jaime Paiva, Manuel Tomás, José Ferreira, Frutuoso, Rogério I, Rogério II, Clemente, Agostinho, Moreira, Leonel, Paiva I, João Ferreira, Crespo, Abílio, R. Álvaro e Salvador.

A turma principal oliveense é composta por 9 jogadores do bairro, com os irmãos Moreiras, rapazes muito dedicados. Os poucos treinos que têm todos estes rapazes são dados pelo sargento Joaquim Silva, um grande entusiasta do futebol oliveense, e cuidados pelo mecaquista Santos.

Em reservas o Sport Lisboa e Olivais também triunfou: Nos 14 jogos, 11 vitórias 2 empates 1 derrota — 38 bolas metidas e 19 sofridas. Os jogadores utilizados: Simões, J. Pinto, J. Coelho, Salvador, R. Álvaro, Crespo, João Ferreira, Guilherme, Filipe, Alcada, Marçal, Assanção, Faustino, Carlos Paiva e M. Pinto.

O Grupo Desportivo da Casa do Povo de Malorca (Figueira da Foz). Tem apenas 2 anos de existência mas já conta com excelentes vitórias. É um grupo constituído por jovens — o máximo 20 anos. Concorreu ao campeonato distrital corporativo de futebol. Pois ganhou-o com certo brilhantismo.



Lisboa e Porto foram já chamados à Federação, a fim de se pronunciarem sobre a nova orgânica do futebol nacional. Pretende a entidade máxima do futebol português suprimir os campeonatos regionais, e no parecer dos dois centros mais importantes do país procurou razões que a conduzissem a uma solução definitiva.

Porém, independentemente do julgamento portuense e lisboeta, e salvo melhor opinião, julgamos que também a província deverá dizer da sua justiça. Em determinados centros, pelo menos, pode ser utilíssima a realização do torneio regional, e por isso nos parece justo ouvir a voz das Associações consideradas em plano secundário.

Que os centros mais adiantados podem e devem sugerir ideias que sirvam lealmente a expansão do futebol português — estamos de acordo. Estão com certeza mais interessados no assunto. Mas daí até esquecer a actividade provinciana não nos parece lá muito bem.

Acompanhamos sempre a Província. Desde sempre, tivemos pelos grupos modestos a melhor simpatia. São excelentes «viveiros» dos grupos grandes, do futebol português, pode afirmar-se, e dentro dessa missão de lançar jogadores nunca desanimam, mesmo que lhes roubem para as grandes equipas. A província, os pequenos grupos da província — até se sentem honrados com isso.

Não os esqueça a organização!



Em Sesimbra há verdadeiro entusiasmo pelo futebol. Agradado na A. de Futebol de Setúbal, temos o União Futebol de Sesimbra, de que fazem parte excelentes jogadores.



O brioso conjunto sesimbrense disputou o campeonato nacional da 2.ª Divisão, obtendo excelentes resultados. Foi 3.º classificando da zona de apuramento do campeão da 2.ª Divisão da A. F. de Setúbal, e os juniores do mesmo clube, concorrente pela primeira vez ao torneio regional de Setúbal, deixaram a melhor impressão.

Apresentamos as duas equipas: a de seniores e a de juniores, a primeira a duas colunas e a segunda a uma coluna. É homenagem que os sesimbrenses merecem.

Apresentamos as duas equipas: a de seniores e a de juniores, a primeira a duas colunas e a segunda a uma coluna. É homenagem que os sesimbrenses merecem.



No Entroncamento, todos os habitantes gostam do futebol. E os ferroviários, que por lá habitam em grande número, também possuem o seu clube: — o Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento.

Um dos seus jogadores, de nome Virgílio, escolheu até um clube popular, dos mais populares do país, para subir até o primeiro plano do futebol português. Vai para o F. C. do Porto, que espera fazer dele um jogador de libra «internacional».

Publicamos hoje o team de honra do club da A. F. Santarém. Classificou-se excelentemente no campeonato regional, e por certo continuará no futebol com o seu melhor entusiasmo. A saída de Virgílio mais o estimulará. Os ferroviários talvez tenham ali um dos seus ídolos, no futuro...

ÓQUEI EM CAMPO progressivo...



BENFICA Campeão de Juniores



A equipa de juniores do Benfica — que triunfou também no campeonato nacional, vencendo o Académico, do Porto

SEGUINDO o exemplo de outras congéneres, a Associação de Óquei em Campo de Lisboa, promoveu, para encerramento desta época, o primeiro campeonato de juniores. E a prova, embora reunisse apenas três concorrentes, teve êxito e foi disputada com certo interesse. Isso talvez constitua um indicativo de possibilidades futuras e de promessa de repetição. Agora só falta criar a federação nacional, para que tudo entre definitivamente nos eixos. Bons augúrios, portanto, num final de época excelente.



Coincidindo com o encerramento da temporada, os directores associativos promoveram, também, a entrega dos prémios atribuídos nas quatro últimas épocas: desde 1943-44 até o presente. Foram contemplados quatro dos cinco clubes associados: Benfica — «Taças de Portugal» 1943-44 e 1946-47; taças dos campeonatos de 1943-44 e 1944-45; (em primeiras), 1945-46 e 1946-47 (em reservas) e juniores. Futebol Benfica — «Taças de Portugal» 1945-46; taças dos campeonatos de 1945-46 e 1946-47 (em primeiras) e de 1943-44 (em reservas); taça «João da Cruz». Belenenses — taças «Domingos Piteiras» e de juniores (3.º); Atlético — taça de juniores (2.º).

A cerimónia da entrega deste troféu (apenas dois com carácter transitório) foi simples — mas teve o significado de que necessitava. Procedeu à distribuição, no intervalo dos dois jogos Benfica-Atlético (juniões e honra) que se efectuaram, ao Campo Grande, Domingo pretérito, o Director Geral dos Desportos, com a assistência do presidente da Associação e dos clubes Benfica, Futebol Benfica e Atlético.

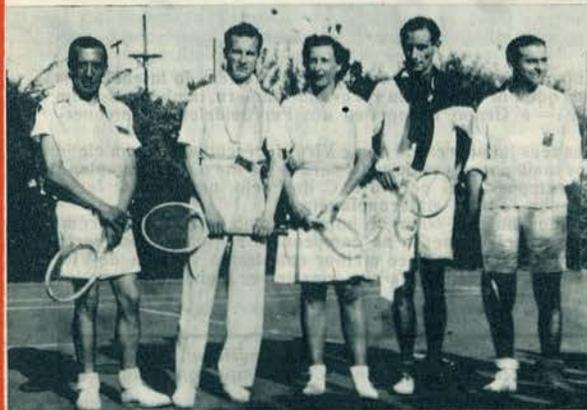
O último desfecho do torneio dos juniores resultou um triunfo mais para o Benfica, por 2-0, cuja equipa — Fonseca I; Lopes II e Malheiro; Cruzeiro, Lisboa e Sanchez; Bento, Lopes I, Querirao, Perdigão e Fonseca II — mostrou realmente ser a melhor, a mais bem compeetrada, não tendo consentido um golo sequer! E foi, também, a única a registar vitórias, conforme indica a classificação seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
Benfica	— 2	— 2	—	—	7-0	6
Atlético	— 2	— 1	— 1	— 0	— 2	3
Belenenses	— 2	— 1	— 1	— 0	— 5	3

Quer dizer: o Benfica obteve dois magníficos triunfos: o da «Taça de Portugal» — pelo que foi justamente enaltecido o seu labor — e o primeiro campeonato de juniores.

E agora que a semente está lançada, boa semente, por sinal, conveniente será não perder a embalagem... — J. M.

TÉNIS NA CURIA



Na Curia disputou-se, com brilho, a final do Campeonato de Portugal de Ténis. Venceu esta equipa, por 3-2, o Lawn Ténis da Foz. Da esquerda para a direita — Ireneu Pais, Luis Baptista, Miss Turner, Kendall e Hardy Júnior

A equipa finalista do Campeonato de Portugal de Ténis, o Clube Internacional de Ténis. Da esquerda para a direita — David Cohen, João Talone, mademoiselle Sepulchre, Manuel Vinhas e Fernando Frade.

